

Poderia Jesus ser gay? Uma análise discursiva da ação judicial contra A primeira tentação de Cristo

Wesley Bahia Machado (UNEB)*

<https://orcid.org/0009-0002-1502-4059>

Gilberto Nazareno Telles Sobral (UNEB)**

<https://orcid.org/0000-0003-1447-1762>

Resumo:

O presente trabalho insere-se nas discussões sobre a construção da sexualidade, especificamente a homossexualidade, no discurso cristão. Objetiva-se nele não somente analisar, como também relacionar, o funcionamento das formações discursivas e ideológicas que constroem sentidos para a sexualidade de Jesus. O *corpus* de análise é constituído da ação judicial movida pela Associação Centro Dom Bosco de Fé e Cultura, pedindo a suspensão do especial de Natal *A primeira tentação de Cristo* (2019) realizado pelo grupo Porta dos Fundos. A base teórica-metodológica central para as discussões é a análise do discurso de linha francesa, vinculada ao filósofo Michel Pêcheux (1969), além das contribuições de Orlandi (2012), entretanto autores como Foucault (1999) e Althusser (1985) ajudam a teorizar sobre a constituição da sexualidade e o funcionamento ideológico da Igreja, respectivamente. A partir da análise percebeu-se que Jesus é discursivizado, no *corpus*, por meio da relação entre a Formação Ideológica Religiosa e do Direito, em um regime de aliança entre as Formações Discursivas Cristã, Jurídica e Homofóbica, desnudando o caráter heterogêneo do processo discursivo e a clivagem do Sujeito.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Formação Discursiva; Jesus; Homossexualidade.

* Possui graduação em Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (2022) e mestrado em andamento no Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagem da mesma instituição, sendo bolsista pelo programa de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). Participa como pesquisador do Grupo de Pesquisa e Estudos em Discurso e Semiótica, atuando principalmente nos seguintes temas: análise materialista do discurso, sexualidade e discurso cristão. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7270476210965860>. E-mail: wesleybamachado@gmail.com

** Professor Pleno da Universidade do Estado da Bahia, onde atua como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens. Coordenador do Mestrado em Estudos de Linguagens (2013-2015). Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Estudos do Discurso e Semiótica e do Grupo de Estudo Edição e Estudo de Textos, atuando principalmente nos seguintes temas: argumentação, análise do discurso, crítica textual, documentos brasileiros. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7536345919376488>. E-mail: gsobral@uneb.br

Abstract:**Could Jesus be gay? A discursive analysis of the lawsuit against “A primeira tentação de Cristo”**

This essay is part of the discussions about the construction of sexuality, specifically homosexuality, in the Christian discourse. Its objective is not only to analyze but also to relate the functioning of the discursive and ideological formations that construct meanings for the sexuality of Jesus. The *corpus* of analysis consists of the legal action filed by the Associação Centro Dom Bosco de Fé e Cultura, requesting the suspension of the Christmas special “*The First Temptation of Christ*” (2019) produced by the Porta dos Fundos group. The central theoretical and methodological basis for the discussions is the french discourse analysis, linked to the philosopher Michel Pêcheux (1969), in addition to contributions from Orlandi (2012). However, authors such as Foucault (1999) and Althusser (1985) help to theorize about the constitution of sexuality and the ideological functioning by the church, respectively. From the analysis, it was noticed that Jesus is discursively constructed, in the corpus, through the relationship between the Religious Ideological Formation and the Law, in a regime of alliance between the Christian, Legal, and Homophobic Discursive Formations, exposing the heterogeneous nature of the discursive process and the cleavage of the Subject.

Keywords: Discourse Analysis; Discursive Formation; Jesus; Homosexuality.

Introdução

A sociedade brasileira é marcada por intensos conflitos que se articulam nas práticas sociais dos indivíduos. Via de regra, essas tensões ancoram-se, entre outras, em pautas de gênero, raça, etnia e, para o presente artigo, destacam-se os embates em torno da sexualidade. Pensar nessas contradições, sobretudo, em relação a homossexualidade é entender que há aí um terreno em que diversas instâncias produzem os mais variados sentidos, ora de aceitação e naturalidade, ora de negação e anomalia.

Um exemplo notável de disputas de sentidos em torno da sexualidade ocorreu em 2019, quando o grupo de humor Porta dos Fundos lançou o especial de Natal *A primeira tentação de Cristo*, em parceria com a Netflix, que o disponibilizou em sua plataforma de *streaming*. Nessa produção, Jesus é construído como um homem gay, o que

repercutiu negativamente em diversos setores da sociedade, sobretudo aqueles ligados a agendas cristãs e conservadoras.

Dentre as diversas discursividades acerca da referida produção, que serão apresentadas no decorrer deste trabalho, toma-se para constituição de *corpus* a ação judicial movida pelo Associação Centro Dom Bosco de Fé e Cultura contra o Porta dos Fundos (Brasil, Ação civil pública n. 0332259-06.2019.8.19.0001, 2019). Nesse processo, o requerente pediu a suspensão da exibição do especial, assim como *trailers*, *making of*, propagandas, ou qualquer alusão publicitária feita a ele, além de exigir o valor de 2 milhões de reais, correspondente a danos morais coletivos a todos os brasileiros que professam a fé católica, dispensando qualquer tentativa de mediação ou conciliação com os réus.

A partir desse contexto, objetiva-se neste trabalho relacionar e analisar de quais formações discursivas e ideológicas emergem sentidos para a sexualidade de Jesus no processo supracitado movido contra *A primeira tentação de cristo*. Toma-se como base teórica-metodológica a Análise do Discurso de linha francesa a partir dos trabalhos de seu fundador Michel Pêcheux, (1997), (2007) e (2014) e Eni Orlandi (2012), mobilizando, principalmente, como categoria de análise as noções de Formação Discursiva, Formação Ideológica e Sujeito.

Esse trabalho se justifica academicamente por sua pertinência nos estudos discursivos que pretendem entender o discurso não somente como uma estrutura, mas como um acontecimento (Pêcheux, 2015). *A primeira tentação de Cristo* é, então, assim entendida, uma vez que foi um instaurador de discursividades sobre a imagem de Jesus em que funcionam estruturas semânticas de diferentes ordens. Além do âmbito acadêmico-científico, pode-se levantar também a relevância social, pois discute sobre um árido terreno da sociedade brasileira, a religião face à homossexualidade, que, historicamente, é uma relação marcada por profundos conflitos. Portanto, entender os processos que discursivizam Jesus, neste contexto, é desnaturalizar sentidos para a relação do divino com a sexualidade, trazendo a ideologia e a história para a constituição desses dizeres a fim de compreender os processos discursivos que se embricam na relação entre a religião, a sexualidade e o jurídico.

Discussões iniciais: considerações sobre os especiais de Natal e A primeira tentação de Cristo

Conhecido por seu humor satírico, o Porta dos Fundos é um dos maiores canais do gê-

nero do YouTube Brasil, contando com cerca de 17 milhões de inscritos e mais de 2000 vídeos postados (Porta Dos Fundos, 2023). O elenco conta com humoristas de grande reconhecimento nacional, a destacar Fábio Porchat, Gregório Duvivier, Rafael Portugal e Thati Lopes. O canal se destaca por fazer um humor que não reproduz piadas prontas, mas que acompanha as tensões e conflitos sociais, produzindo material em torno de problemáticas latentes no cotidiano brasileiro, tais como o racismo, a LGBTfobia e o machismo. No ano de 2020, por exemplo, além de retratar aspectos da rotina imposta pelo isolamento social, como reuniões de trabalho e a vida conjugal, o grupo criticou de maneira ferrenha a postura negacionista com a qual, na época, o atual presidente Jair Bolsonaro lidou com a pandemia do Covid-19.

Outra pauta bastante recorrente são os vídeos sobre religião, mais precisamente, as práticas religiosas, que são bastante heterogêneas uma vez que as religiões também o são. O Porta dos Fundos produz, então, esquetes envolvendo as mais diversas liturgias que compõem o cenário cultural brasileiro, dentre as quais pode-se citar o catolicismo, o neoprotetantismo, o candomblé, a umbanda e o espiritismo. Entretanto, anualmente, o canal realiza o seu especial de Natal, produzindo esquetes que satirizam passagens da literatura bíblica envolvendo o nascimento de Jesus, valendo-se desse evento marcante no calendário judaico-cristão para tecer críticas a questões latentes da sociedade brasileira.

O primeiro especial aconteceu em 2013, ano seguinte à criação do canal, evidenciando a importância desse projeto para a construção do Porta dos Fundos. Inicialmente, nos quatro primeiros anos, os especiais eram uma série de esquetes, em torno de

quatro ou cinco vídeos, compilados em sequência e postado no canal do grupo no Youtube.

Entre 2013 e 2016, os esquetes que faziam parte dos especiais de Natal tinham temáticas bem diversificadas. No primeiro ano¹, um jantar entre a Sagrada Família e Maria Madalena, em que Jesus disfarça a todo custo a profissão da mulher enquanto José tenta rememorar de onde a conhece, deixando implícito que ele, supostamente, já se envolveu com Madalena ou com outras prostitutas. Em *O Velho Testamento*², especial de 2014, há a representação da figura de Deus que, frente aos incessantes questionamentos de uma camponesa sobre a existência e extensão de seus poderes, mostra sua onipotência e egocentrismo matando-a. Ainda nesse ano, é retratada a passagem do diálogo entre Deus e Moisés, quando, ao aparecer na figura de um homem preto e gordo, o pastor acredita ser um assalto e descredibiliza totalmente a figura do Divino nessa forma, entretanto ao mudar para um homem branco e magro, mesmo sem nada dizer, Moisés ajoelha e o reverencia enquanto divindade.

Em *Jesus Cristo*³, especial de 2015, um dos esquetes mostra os apóstolos reunidos para decidir qual será o símbolo que representará a crença. É sugerida a imagem de

Jesus crucificado, alegando-se o baixo custo de produção e alto retorno de vendas, em relação ao alto custo e burocracia elevada de confeccionar e vender um símbolo de Jesus abraçado com crianças, mesmo a cruz sendo seu instrumento de tortura. Há também, uma referência à marca Apple, quando é sugerido, como alternativa à cruz, o símbolo da maçã mordida que é prontamente descartado sob o argumento de quem iria comprar o maior símbolo de pecado da história da humanidade.

Em 2016, *Reis Magia*⁴ retrata os preparativos dos reis magos para presentear Jesus. Belchior e Baltazar apresentam seus interesses e Gaspar, um homem gay, é severamente censurado quando propõe, como presente, um *short* curto e uma bata costurada a mão, sob o argumento de não ser um presente discreto. Ao final do esquete, aparece Jesus já adulto e utilizando vestimentas no estilo das censuradas pelos reis magos.

A *Arca de Noé*, em 2017⁵, marca uma mudança no modo do Porta dos Fundos produzir seus especiais. A partir desse ano, a série de esquetes de três ou quatro minutos dão lugar a uma única produção, mais extensa e desenvolvida em relação ao enredo, personagens, cenários e diálogos. Em seus mais de 20 minutos, como o próprio nome infere, o especial retrata o episódio da construção da arca por Noé no modelo de um documentário, sendo narrado por Deus, um homem já senil e consumidor de bebidas alcólicas. Na produção, Deus pede a Noé que construa

1 PORTA DOS FUNDOS. Especial de Natal – Porta dos Fundos. Youtube, 23 de dez. de 2013. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=2VEI_tn090c&t=457s&ab_channel=PortadosFundos >. Acesso em: 26 de maio de 2023.

2 PORTA DOS FUNDOS. Especial de Natal – Velho Testamento. Youtube, 24 de dez. de 2014. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=tq6fw-KWSTE&t=955s&ab_channel=PortadosFundos>. Acesso em: 26 de maio de 2023.

3 PORTA DOS FUNDOS. Especial de Natal – Jesus Cristo. Youtube, 24 de dez. de 2015. Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=Dh-jq7xSfS28&t=781s&ab_channel=PortadosFundos >. Acesso em: 26 de maio de 2023.

4 PORTA DOS FUNDOS. Reis Magia. Youtube, 19 de dez. de 2016. Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=_7iZF0wwA5c&ab_channel=PortadosFundos >. Acesso em: 26 de maio de 2023.

5 PORTA DOS FUNDOS. Especial de Natal – Arca de Noé. Youtube, 25 de dez. de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jB-W20BxRQTW&t=642s&ab_channel=PortadosFundos>. Acesso em: 26 de maio de 2023.

uma arca ao perceber que ele não saberia construir um Iphone. Naamá, esposa de Noé, abre uma espécie de processo seletivo, estilo de *reality shows* famosos como o *Big Brother Brasil (BBB)*, para escolher quem deve entrar na Arca, são escolhidos um homem gordo, sob o pressuposto de servir de ração para os bichos, um humorista de *stand up comedy*, Pilatos, único que aparece de sunga e sem camisa mostrando seu corpo atraente e Inês Brasil, subcelebridade conhecida pelo seu estilo autêntico e que, de fato, viralizou na internet ao tentar participar do BBB 2013. Durante a narrativa de Deus sobre o episódio, fica evidente que há uma predileção por Moisés em detrimento de Noé, que serve apenas para ser manipulado em função do entretenimento do Criador.

O ano de 2018⁶ foi muito importante para a consolidação da qualidade técnica dos especiais de Natal do Porta dos Fundos. Além da parceria com o serviço de *streaming* de filmes mais popular do Brasil, a Netflix, que lançou o especial deste ano em seu catálogo digital, o canal ganhou o *Emmy* na categoria Melhor Comédia, em uma cerimônia realizada em Nova York. O especial intitulado *Se beber, não ceie* importa elementos do tradicional filme de comédia, famoso naquele ano, *Se beber, não case*, e conta a história do desaparecimento de Jesus, após sua festa de 30^o aniversário regada a bebida, a drogas e ao famoso jogo verdade ou desafio.

Já o especial de 2019, *A primeira tentação de Cristo*⁷ narra o evento bíblico do re-

torno de Jesus após quarenta dias de jejum no deserto (Lucas 4, 1-13). Ele regressa para casa levando consigo seu *affair* Orlando e se depara com uma festa surpresa para comemoração do seu 30^o aniversário. Nessa noite, Deus, Maria e José resolvem contar a Jesus quem é o seu verdadeiro pai e qual a sua missão na terra, enquanto Belchior, um dos três reis magos, tenta lidar com sua nova namorada Telma, uma oportunista garota de programa.

A produção retrata vários aspectos da própria literatura bíblica. Há o embate entre o Deus punitivo do Velho Testamento e o Jesus amoroso do Novo Testamento, que é atualizado pelo Porta como “um cara mais dos malabares, da miçanga, do maracatu, do sarau de poesia.” (A Primeira Tentação de Cristo, 2019). É destacada também, no duelo entre Jesus e Orlando, que revela ser Lúcifer, a extensão do amor divino e sua onipresença em todos os seres, inclusive dentro do próprio mal. O filho de Deus diz, vencendo o vilão, “A era de Deus acabou e só pode haver um filho de Deus na terra e esse filho pode estar em qualquer lugar. Ele está no meio de nós. Deus está em qualquer lugar, mas ele também está dentro de cada um de nós, inclusive de você” (ibid., 2019).

A partir da sátira, o Especial se atém a estereótipos clássicos das celebrações familiares, como a Tia Lupita, que representa o parente senil, regado de discriminações e racismos. Retrata-se, também, o moralismo e hipocrisia do gênero masculino, uma vez que todos os homens criticam Belchior por se envolver com uma prostituta, mas que, ao mesmo tempo, quando ela oferece seus serviços como presente do amigo secreto, todos se candidatam a recebe-los. O flerte extraconjugal também é abordado por meio de Maria que, apesar de ser casada com o bondoso e ingênuo José, sente uma forte

6 NETFLIX BRASIL. Especial de Natal do Porta dos Fundos – Se beber não ceie, 06 de dez. de 2018. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=y4DXJn4fpXI&t=1s&ab_channel=NetflixBrasil >. Acesso em: 26 de maio de 2023.

7 NETFLIX BRASIL. Especial de Natal do Porta dos Fundos – Se beber não ceie, 19 de nov. de 2017. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=XP9IX27D4Vo&ab_channel=NetflixBrasil >. Acesso em: 26 de maio de 2023.

atração pela representação de Deus, que constantemente assedia e provoca a mulher com suas investidas sexuais.

Apesar de desenvolverem seus especiais em torno da quebra de possíveis dogmas, aqui entendidos em seu significado dicionarizado como pontos fundamentais ou mais importantes de uma doutrina religiosa que se apresentam como algo indiscutível ou inquestionável (Ferreira, 2010), tais como o possível envolvimento de José com prostitutas, em 2014, o Deus alcohólico, em 2015, ou até a crucificação de Jesus decorrente de um desafio proposto por apóstolos em uma festa, em 2018, não houve nenhuma repercussão expressiva. Entretanto, *A primeira tentação de Cristo* mobilizou drasticamente setores mais conservadores da sociedade, Goés (2019), em sua coluna para o jornal Folha de São Paulo⁸, alude que isso pode ser atribuído a representação de Jesus como um homem gay, demonstrando que há uma hierarquia entre dogmas, sendo a sexualidade do filho de Deus a que ocupa a posição mais alta. Em seu artigo, Goés (ibid., 2019) disserta sobre essa questão afirmando que

tanto Fábio Porchat (que assina o roteiro e interpreta Orlando) como Gregório Duvivier (que faz Jesus) são ateus assumidos. Por isto me surpreendi que este especial estrelado pelo dois, que tanto polêmica vem causando, seja, na verdade, um libelo que confirma toda a teologia cristã. Isso mesmo. “A primeira tentação de Cristo” reafirma a divindade de Cristo e a importância de sua missão. Só ele consegue livrar a humanidade de Satanás. Nenhum dogma é questionado: até a virgindade de Maria segue incólume. [...]

8 GOES, Tony. No fundo, especial de Natal do Porta dos Fundos é terrivelmente cristão. Folha de S. Paulo, 2019. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2019/12/no-fundo-especial-de-natal-do-porta-dos-fundos-e-terrivelmente-cristao.shtml>> Acesso em 16 de dez. 2022.

Quem critica “A primeira tentação de Cristo” não deve ter visto o especial até o fim. **Parou na primeira insinuação da homossexualidade de Jesus, ou então só ouviu falar.** [...] Esse programa, na verdade, é um instrumento de pregação religiosa. Uma obra de evangelização. Terrivelmente cristã – no sentido original da palavra “terrível”, porque meteu medo em alguns. Quem diria, hein? Porchat e Duvivier entraram pela porta dos fundos para nos catequizar. (grifo nosso)

Inúmeros líderes cristãos como Dom Henrique Soares da Costa, bispo da Diocese de Palmares, em Pernambuco, e Pastor Joel Theodoro, da Igreja Presbiteriana do Bairro Imperial, no Rio de Janeiro, promoveram tentativas de boicote ao Porta dos Fundos e à plataforma da Netflix. Eles incitaram os seus seguidores e, conseqüentemente, os adeptos de seus respectivos seguimentos religiosos, a cancelarem suas assinaturas no canal de *streaming* alegando ser o especial de extremo desrespeito a figura de Jesus Cristo. Um abaixo-assinado *online* também foi criado na tentativa de mobilização para a censura e retirada do Especial do catálogo de filmes da Netflix e, até janeiro de 2021, contava com mais de 2 milhões e 400 mil assinaturas, tendo, como meta, 3 milhões.

Em âmbito jurídico, dentre outros movimentos, a Associação Centro Dom Bosco de Fé e Cultura, juntamente com a Associação Nacional de Juristas Islâmicos e a União dos Juristas Católicos da Arquidiocese de Goiânia, moveram uma ação contra o Porta dos Fundos e a Netflix, na qual se pedia a suspensão da exibição de *A primeira tentação de Cristo*, assim como *trailers*, *making of*, propagandas, ou qualquer alusão publicitária feita a ele. Exigiu-se, também, o valor de dois milhões de reais, correspondente a danos morais coletivos a todos os brasileiros que professam a fé católica, dispensando qualquer tentativa de mediação ou concilia-

ção com os réus. O Porta dos Fundos e a Netflix, por sua vez, realizaram a contestação desse pedido, culminando em um processo de 2.177 páginas, o qual se encontra público no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, que teve como desfecho a decisão judicial em favor dos réus, ou seja, o pedido de suspensão do Especial foi indeferido. (Brasil, Ação civil pública n. 0332259-06.2019.8.19.0001, 2019).

Portanto, ao observar a trajetória dos especiais de Natal, pode-se perceber que para além da questão do humor, há atravessamentos de críticas sociais que emergem nessas produções por meio da subversão de dogmas, entretanto nenhuma produção foi tão combatida quanto a de 2019. *A primeira tentação de Cristo*, ao representar a figura de Jesus como um homem gay, tenciona e provoca instituições que defendem a sacralidade do filho de Deus, não sendo possível a sua associação positiva com a homossexualidade. Para compreender um pouco sobre a dinâmica entre o discurso cristão e a homossexualidade, é necessário discutir um pouco, primeiramente, sobre o papel e função da Igreja no tecido social e, posteriormente, a sua relação na construção das sexualidades.

Breves tencionamentos entre religião e sexualidade

A Igreja assume, em todo o período histórico em que está inserida, um papel muito importante na estrutura social. Cabe a ela o papel de controle e regulação dos valores morais mais basilares e convenientes a uma sociedade em um dado tempo. Ela tem em si um código moral e pedagógico próprio, com mandamentos explícitos e ensinamentos por meio de figurações, parábolas e metaforizações. Ela garante aos sujeitos a ilusão

de estabilidade, algo que, frente à realidade movente e mutável, pode representar um *locus* de conservação, ou seja, estabilização dos valores morais e sociais. Em outras palavras, a Igreja pode ser interpretada como uma instituição, uma vez que “as instituições foram criadas para aliviar o indivíduo da necessidade de reinventar o mundo a cada dia e ter de se orientar dentro dele” (Berger; Luckmann, 2004, p. 54).

Além de prover aos sujeitos essa sensação de constância, outra função das instituições é fornecer padrões de comportamento em sociedade, ou seja, produzir e garantir a manutenção de práticas sociais entre sujeitos afins. Por exemplo, usar preto para simbolizar o luto, temer uma punição divina por seus mínimos atos, agradecer a Deus por conquistas, trocar presentes no Natal, enfim, são inúmeras as práticas que a Igreja mantém na sociedade ocidental e que, inconscientemente, as pessoas reproduzem como naturais, já que “os programas institucionais são internalizados na consciência dos indivíduos e direcionam o seu agir ao longo da vida” (Guimarães, 2016, p. 13).

Althusser (1985) traz um ponto pertinente à discussão sobre instituições, sendo um elemento cabal para este trabalho. Ele desfaz a ingenuidade de se interpretar as instituições de maneira idealista, conferindo-as a neutralidade, como se essa dinâmica de (re)produção de práticas sociais fosse a-ideológica. Elas são teorizadas enquanto Aparelhos Ideológicos do Estado, que tem a função de sujeição dos indivíduos. Em outras palavras, as instituições servem às ideologias. Althusser (1985, p. 17) afirma:

As instituições e, com elas, a cultura, as ciências, deixam de ser instrumentos neutros do progresso da humanidade, para tornarem-se lugar de luta de classes pela direção da sociedade. (...) O que a torna instrumento de

subordinação ideológica não são os “valores” da burguesia e os “interesses” de seus representantes, mas seu funcionamento ideológico.

Com a expansão e consolidação cada vez mais crescente do pensamento moderno, guiado pelos valores iluministas de racionalismo e liberalismo econômico, os indivíduos passaram a interagir com o mundo de outra maneira. A Igreja que na Idade Média assujeitava as pessoas em nome de Deus, para servir ao modelo social econômico feudal, começa a perder a sua força enquanto principal aparelho de assujeitamento. Nos Estados capitalistas modernos, quem assume a função de aparelho ideológico dominante é a Escola (Althusser, 1985), que forja os sujeitos de direito, aqueles que acham que pensam por si e que são livres de determinações e sanções divinas. Como diz Orlandi (2012, p. 51), “a subordinação explícita do homem ao discurso religioso dá lugar à subordinação, menos explícita, do homem às leis: com seus direitos e deveres. Daí a ideia do sujeito livre em suas escolhas, o sujeito do capitalismo”.

Esse efeito de autonomia sobre si e suas vontades fez com que o homem moderno buscasse sua realização não somente na palavra, em função de servir às diretrizes das escrituras de Deus, como também na aquisição de bens de consumo, ou seja, o capitalismo propiciou a busca por prazeres e determinações pessoais. Cada pessoa busca aquilo que melhor for atender às suas exigências materiais, emocionais e, até mesmo, religiosas e espirituais. A essa abertura de possibilidades de realização do homem desassociado da religião, tal qual ocorria durante a Idade Média, dá-se o nome de secularização (Wilmaime, 2012, apud Guimarães, 2016, p. 17).

Uma forma mais clara de visualização desse processo se dá por meio da breve aná-

lise do mapa das religiões cristãs do Brasil. Como apontam os dados do último censo do IBGE, divulgados em uma matéria da revista *Veja* (2012), em 2010, brasileiros autodeclarados católicos saíram de 91,8% da população para 64,4%, enquanto o número de evangélicos saltou de 5,2% para 22,2% no mesmo período, e a porcentagem de pessoas sem religião gira em torno de 8% da população. A hegemonia e unidade da fé cristã ocidental, que antes se concentrava na igreja católica, foi se transformando em doutrinas outras. Hoje, os indivíduos podem seguir, ou não, os ensinamentos bíblicos da forma que melhor lhes convém. Têm-se, por exemplo, o surgimento de seguimentos evangélicos pentecostais, neopentecostais, presbiterianos, batistas etc.

A Igreja, tanto a pré-moderna, quanto a contemporânea, serve, assim como qualquer outro Aparelho Ideológico de Estado, às ideologias. Observa-se que a Igreja ocidental reproduz em seu bojo, não sem conflitos, práticas sociais-ideológicas mais conservadoras em uns pontos e mais progressistas em outros, visando à manutenção de uma ordem social e econômica. A sexualidade é significada a partir de uma prática de conservação de valores morais dito tradicionais que repousam sobre a manutenção, principalmente, da família, significada pela tríade, heterossexual, pai-mãe-filho(a). Portanto, para discutir os lugares históricos da significação das sexualidades, para além de uma determinação puramente biológica, é necessário inscrevê-los nas relações de poder e controle a partir do prisma discursivo.

Então, discutir sobre sexualidade é entendê-la enquanto um terreno movente e fluido, que se estende muito além das evidências de um sexo biológico. A forma como o ser humano compreende a sexualidade está envolvida em aspectos muito mais além

do jogo binário entre homem/pênis – mulher/vagina. A sexualidade situa-se no entrelace entre diversas dimensões humanas tais quais a biológica, emocional, psíquica e histórica.

Para além do biologismo, a dimensão social da sexualidade humana deve ser pautada na tentativa de compreendê-la com mais completude. A forma como foi interpretada modificou-se no percurso da história, tornando-se um mecanismo de poder e, consequentemente, de dominação. Deter o poder sobre a sexualidade significa deter o poder sobre as relações humanas. Como qualquer outro dispositivo de poder, ela funciona sobre a dinâmica da permissão-repressão, ou seja, a sexualidade legítima (heterossexual) goza do privilégio da palavra, pode ser dita e praticada, possui aceitabilidade no tecido social, enquanto outras, ilegítimas, como a homossexualidade, devem ser controladas, interditas, permanecendo no domínio do silêncio da linguagem, compreendendo um lugar de suspensão de sentidos que é, ele próprio, um mecanismo de controle. Como afirma Foucault (1999, p. 9)

Isso seria próprio da repressão e é o que a distingue das interdições mantidas pela simples lei penal: a repressão funciona, de certo, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, consequentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber.

A relação entre a permissão e a repressão deve ser compreendida dentro de um contexto histórico de produção (Foucault, 1999). O sexo era interpretado como incompatível com o trabalho, uma força direcionada a prazeres improdutivos para a lógica de produção capitalista, não havendo retorno econômico para o impulso desprendido

para satisfazer gozos pessoais. E é nesse ponto que se estabelece a chave para compreender qual sexualidade era legitimada e quais deveriam ser marginalizadas: a reprodução. Gozaria do mínimo de autoridade a sexualidade que pudesse perpetuar a força de trabalho, ou seja, a heterossexualidade, enquanto as demais manifestações não reprodutivas deveriam ser repudiadas por não garantir a manutenção de uma ordem econômica.

Muito mais do que pensar no que se diz sobre o sexo, suas construções de permissão e repressão ou seus efeitos, faz-se necessário projetá-lo em sua instância discursiva, ou seja, “quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz” (Foucault, 1999, p. 15). Durante a Idade Média, como já foi visto, a Igreja possuía o poder da/sobre a palavra, ela ditava a moralidade da época e, por meio das práticas de confissão, controlava as vontades dos indivíduos. Através da prática confessional, as pessoas verbalizam, ou seja, transpunham para a linguagem, seus desejos e vontades, uma vez que a carne é a origem de todos os pecados e esse mal atinge a todos das mais diversas formas. A vigília sobre si era constante e cabia a Igreja a vigília e a administração dos impulsos mundanos contra a determinação divina.

Com a tomada dos ideais liberais, a Igreja perdeu sua predominância na gestão do sexo, dividindo o poder de deliberar sobre o lícito e o ilícito com o Direito. Ambos os dispositivos, o jurídico e o religioso, modulavam os polos permissão/interdição pautados na relação matrimonial, visando a uma fecundidade em direção a um controle natalista ou antinatalista. Qualquer nuance sobre o sexo que não harmonizasse com o binômio casamento/fecundidade deveria ser

punida, principalmente, os atentados dos sodomitas contra a natureza. Nas palavras de Borrillo (2016, p. 44),

as elites judaico-cristãs, assim como as do universo greco-romano, acreditavam na superioridade do masculino e na ordem patriarcal que é sua consequência. Mas elas introduziram, igualmente, um elemento novo que modificará radicalmente o paradigma da sexualidade: a abstinência. A única exceção a esse ideal asceta que, ao mesmo tempo, permite confirmar seu status é o ato sexual reprodutor no âmbito do casamento religioso. A sexualidade não reprodutora – e, em particular, a homossexualidade, forma paradigmática do ato estéril por essência – constituirá, daí por diante, a configuração mais acabado pecado contra a natureza.

Outro dispositivo que também foi grande responsável pelo controle da sexualidade, junto com a Igreja e o Direito, foi a medicina, por meio da psicologia. Embricando-se com o discurso científico, produzindo a evidência de um discurso neutro, esvaziado de um contexto sócio-histórico, o discurso médico tratou de curar os problemas da ordem sexual, ou seja, tratar as sexualidades não reprodutivas. A partir desse ponto, a homossexualidade deixa de ser uma prática do livre arbítrio do indivíduo, a sodomia, para se tornar um desdobramento desviante e patológico da sexualidade natural, homossexual é alguém que pode ser curado, uma vez que existe ali uma doença.

O homossexual foi construído enquanto polo negativo à heterossexualidade, em um regime binário. Enquanto o heterossexual era dotado do sentimento de biologismo, o seu par era visto como uma deliberação, uma vontade do indivíduo contra seu próprio extinto de procriação. A homossexualidade, diferente da heterossexualidade, é forjada em torno de aversões, ódio e censura, em outras palavras, ela se constrói jun-

tamente com a homofobia, seja inscrevendo o homossexual como um pecador, um criminoso ou um portador de desvio psicológico.

Esse tecido de poder está a serviço de um conservadorismo que, retomando o que foi dito, procura restaurar e estabelecer um regime moral engessado e antimoderno que busca conter aquilo que é natural de quaisquer sociedades, a mudança. As estruturas conservadoras e, principalmente, fundamentalistas, valem-se dessas estruturas de discriminação e hierarquização, não somente no âmbito da sexualidade, mas de outras subjetividades, como a divisão de gênero, raça, região e poder econômico. Como afirma Borrillo (2016, p. 39)

a diferença das sexualidades entre heterossexual e homossexual é apresentada como um indicador objeto do sistema desigual de atribuição e de acesso aos bens culturais, a saber, direitos, capacidade, prerrogativas, alocações, dinheiro, cultura, prestígio, etc. E, embora o princípio da igualdade seja formalmente proclamado, é efetivamente em nome das diferenças e, ao dissimular precavidamente qualquer intenção discriminatória, que os dominantes entendem reservar um tratamento desfavorável aos dominados. A construção da diferença homossexual é um mecanismo político bem rodado que permite excluir gays e lésbicas do direito comum, inscrevendo-os (as) em um regime de exceção.

Portanto, todos esses agentes, o Direito, a Medicina e, principalmente, a Igreja, da qual, como já foi dito, colhe-se fundamentos morais, partilham da posição de que a heterossexualidade é a sexualidade espontânea e natural, que nasce com os indivíduos, e outros exercícios das sexualidades são marginais, tais como a homossexualidade, que é significada a partir da posse, escolha do indivíduo ou patologia. Pode-se perceber que a compreensão da sexualidade diz mui-

to mais sobre uma política de controle de corpos que segrega, instaura e (re)produz sentidos sobre as pessoas com o intuito de efetivamente exercer um controle a fim de garantir a reprodução de ideologias conservadoras.

Discussão teórica e análise do corpus

Como foi visto, ao compreender a sexualidade, em especial a homossexualidade, em seu imbricamento com o dispositivo religioso, levou-se em consideração aspectos que os constituem dentro de um tecido social, histórico e, principalmente, ideológico. E, como eles são e reverberam sentidos dentro desse contexto, uma vez que tanto a sexualidade quanto a religião são atravessadas pela linguagem, são passíveis de interpretações variadas. Portanto, a realização da análise proposta, neste trabalho, tomou como referência uma ciência da linguagem que não negligenciasse a constituição sócio-histórica e ideológica dos sentidos, tampouco que considerasse os sujeitos enquanto indivíduos idealistas, origem e fonte dos sentidos, desconexos de uma malha histórica que os antecedeu e os constituem. Em virtude desses critérios, optou-se pela Análise do Discurso francesa, vinculada a Michel Pêcheux.

Pêcheux trabalha o arcabouço teórico da AD no entremeio de três áreas do conhecimento, a psicanálise, com a questão do inconsciente, o materialismo histórico, com a espessura ideológica da linguagem e a constituição do sujeito ideológico, e a linguística, trazendo a língua como base para os processos discursivos, questionando sua posição de plena autonomia. Tudo isso para propor um dispositivo teórico que compreendesse, primeiro, o sujeito, não como um indivíduo

empírico, dotado de um psicologismo e origem de seus dizeres, mas como uma posição discursiva, constituída ideologicamente. E, em segundo, o sentido não como uma abstração da língua, mas como um discurso que materializa uma ideologia em um contexto sócio-histórico. O sentido é, então, discurso, que é definido, não como uma relação natural entre palavra-coisa, mas como, primariamente, um efeito. (Pêcheux, 2014).

De maneira, deve-se entender por efeito o lugar de não transparência. Em outras palavras, uma palavra não tem um sentido próprio, ela não funciona como um elo óbvio entre o que é tomado como referência e o significante, como se os sentidos partissem de uma abstração que fossem independentes das condições materiais da existência. Pêcheux (1997, p. 160) afirma que:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literariedade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)

Partindo dessa afirmação, pode-se concluir que o sentido é ideologicamente determinado, uma vez que a ideologia é inscrita na linguagem. Tudo que é atravessado pela linguagem não é jamais neutro ou a-ideológico, a ideologia funciona como a maneira pela qual os homens vivem a sua relação com as condições reais de existência, e esta relação é necessariamente imaginária (Brandão, 2004, p. 22), porque opera no domínio do simbólico, entretanto, a ideologia não deve nunca ser vista em uma concepção idealista que a compreende como um conjunto de ideias ou pensamento, mas enquanto dotada de uma existência material.

Pensar essa dimensão material da ideologia pressupõe compreender como e onde ela se corporifica na realidade. Althusser (1985) propõe, sobre isso, duas teses centrais que elucidam o funcionamento ideológico no tecido social. Em primeiro lugar, têm-se que “só há prática através de e sob uma ideologia” (Althusser, 1985, p. 93). Então, afirma-se o que já foi citado anteriormente, a ideologia não é nunca uma abstração ou um conjunto de ideias, como acredita o idealismo, ela é sobretudo uma prática social, ou seja, não existe como se portar em sociedade senão por meio da ideologia, que é (re)produzida nos Aparelhos Ideológicos do Estado, que são, por sua vez, realidades apresentadas na forma de instituições distintas e especializadas. Têm-se, por exemplo, além do Aparelho religioso, o escolar, familiar e etc.

A segunda e cabal tese para os estudos discursivos diz que “só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito” (Althusser, 1985, p. 93). Essa afirmação vem para ratificar que, além de ser prática, a ideologia é constitutiva dos sujeitos. Não há, em outras palavras, sujeito sem ideologia. Não se deve confundir o indivíduo empírico, enquanto organismo físico e biológico, com o sujeito, que é uma categoria e forma discursiva. Pode-se, por exemplo, ter um indivíduo que ocupa a posição social de homem gay, mas que seja atravessado por um sujeito discursivo homofóbico ou um indígena que reproduz discursos de um sujeito colonizador e várias outras possibilidades.

Não há indivíduo empírico do ponto de vista discursivo, uma vez que todos são sempre já sujeitos, não há, portanto, como ser um ser social sem estar interpelado por uma ideologia. Uma criança, ao nascer, já é interpelada por essa categoria de sujeito-filho dentro do bojo do Aparelho Ideológico

familiar e, a partir dessa interpelação em sujeito-filho, há a reprodução das práticas sociais que condizem com essa categoria. Nas palavras de Althusser (1985, p. 98):

a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos. Sendo a ideologia eterna, devemos agora suprimir a temporalidade em que apresentamos o funcionamento da ideologia e dizer: a ideologia sempre/já interpelou os indivíduos como sujeitos, o que quer dizer que os indivíduos foram sempre/ já interpelados pela ideologia como sujeitos, o que necessariamente nos leva a uma última formulação: os indivíduos são sempre/já sujeitos. Os indivíduos são, portanto, “abstratos” em relação aos sujeitos que existem desde sempre. Esta formulação pode parecer um paradoxo.

Outro elemento importante para se entender o funcionamento discursivo concerne ao seu contexto de produção que é, justamente, em seu sentido amplo, como aponta Orlandi (2012), o contexto sócio-histórico e, principalmente, ideológico que vai condicionar a produção de sentidos, ou seja, como uma formação social, em um dado tempo, organiza-se em seu complexo de instituições para fornecer aos sujeitos as práticas necessárias para garantir a reprodução dos meios de produção. Haroche, Pêcheux e Henry (2007) vão chamar essas práticas de formação ideológica (doravante FI), afirmando que são um “conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ e nem ‘universais’, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas em relação às outras”.

As FI's são a base das formações discursivas (doravante FD), que é aquilo que “numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito.”

(Pêcheux, 1997, p. 160). Esmiuçando, é na FD que as palavras ganham sentidos. Por exemplo, os sentidos em torno da palavra veado vão ser diferentes conforme a formação discursiva em que ela se inscrever. Em uma Formação Discursiva da biologia, ela terá o sentido de um animal, enquanto em uma Formação Discursiva da homofobia, ela significará uma ofensa.

Entretanto, não se deve pensar nas Formações Discursivas como blocos homogêneos em que os sentidos permanecem de maneira estática, elas são, na verdade, heterogêneas em si mesmas (Orlandi, 2012, p. 44). Suas fronteiras são porosas, pois uma Formação Discursiva sempre vai se relacionar a outra por meio do interdiscurso, que é o discurso em relação a si próprio (Pêcheux, 1997). É ele que vai garantir o fio do discurso, ou seja, que vai fazer com que é dito hoje relacione-se com o passado e com o que será dito no futuro.

Um último ponto a se tratar sobre a constituição do sentido, neste trabalho, compreende o discurso em um movimento de paráfrase e polissemia. Orlandi (2012) considera que os movimentos parafrásicos constituem uma zona de estabilidade, é o lugar em que o sentido permanece o mesmo, sendo atualizado pelo sujeito. Porém, não é o sentido que se modifica e sim a sua formulação que é alterada, ou seja, diferentes dizeres que se constituem pelo mesmo discurso. Já a polissemia opera com a ruptura do discurso cristalizado, apresenta a potencialidade do sentido sempre ser outro, é o lugar da inovação que trabalha com o equívoco da linguagem. Orlandi (2012, p. 38) diz que:

a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois

se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentidos no mesmo objeto simbólico.

Um exemplo que ilustra bastante a força polissêmica no discurso foi o Especial de Natal do Porta dos Fundos, do ano de 2019. Como já foi citado na primeira seção deste trabalho, essa produção representa o objeto simbólico Jesus como um homem gay. Ao fazer isso, o sujeito-humorista irrompe com um sentido cristalizado que constrói a imagem desse objeto como um homem divino, sem nenhum traço de sexualidade. Provoca, portanto, uma ruptura em uma memória discursiva que “elege numa determinada contingência histórica aquilo que, numa outra conjuntura dada, pode emergir e ser atualizado, rejeitando o que não deve ser trazido à tona” (Brandão, 2004, p. 79).

Essa memória rejeita que a figura de Jesus esteja produzindo outros sentidos que não o da assexualidade, ou, no melhor dos casos, da orientação sexual significada como natural e pressuposta, a heterossexualidade. Por isso, também, esse especial gerou tanto impacto negativo, pois, ao deslizar o objeto Jesus da Formação Discursiva da Santidade e inscrevê-lo na FD Profana, que significa a homossexualidade como um desvio e um traço mundano, desestruturou, também, toda a memória discursiva que cristalizou sentidos sobre imagem dele.

A seguir, tem-se o *corpus* de análise deste trabalho, que se constitui de um fragmento retirado da ação judicial movida pela Associação Centro Dom Bosco de Fé em Cultura contra o Porta dos Fundos e a Netflix. Para facilitar a organização da análise, dividiu-se a materialidade em três sequências discursivas (doravante SD).

É evidente que os responsáveis pela produção do filme não têm nenhuma crença em Deus, ou ao menos no Deus vivo dos cristãos. **É seu direito professarem outra fé, ou não ter fé nenhuma. Mas terão eles o direito de troçarem como queiram da fé alheia?** Têm eles exatamente ideia do que significa, para um católico, a Sagrada Família, que eles desprezam, em que eles cospem, que eles agridem em sua pureza, em sua santidade, em sua majestosa divindade, encarnada na pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito Homem? Têm eles noção de que os doze apóstolos, segundo eles um grupo de homossexuais em seguimento de seu mestre idiota e igualmente homossexual, foram, todos eles, martirizados, com exceção de João, que morreu de velhice, e Judas Iscariotes, que se suicidou? Podem sequer imaginar a intensidade da dor e do sofrimento por que passaram,

por amor a Nosso Senhor Jesus Cristo, nosso Mestre e nosso Deus? (Brasil, Ação civil pública n. 0332259-06.2019.8.19.0001, 2019, p. 7. Grifo do autor)

O excerto tem como base a Formação Ideológica Jurídica que interpela o indivíduo em sujeito-advogado para que ele consiga (re)produzir os dizeres por meio da Formação Discursiva Jurídica. Entretanto, há um regime de aliança, estruturante do funcionamento discursivo da materialidade, entre a FD Jurídica e a FD Cristã, que se engendram na produção dos sentidos, uma vez que as FD's não são estruturas com limites rígidos, sendo possível outros atravessamentos graças a suas fronteiras porosas (Orlandi, 2012), e as tomadas de posição do sujeito no interior próprio das FD's, como é possível perceber na SD₁:

SD₁

“É evidente que os responsáveis pela produção do filme não têm nenhuma crença em Deus, ou ao menos no Deus vivo dos cristãos. **É seu direito professarem outra fé, ou não ter fé nenhuma. Mas terão eles o direito de troçarem como queiram da fé alheia?**”

A partir da estrutura subordinada subjetiva “É evidente que”, observa-se a ocorrência de uma FD Jurídica, que constrói sentidos a partir do efeito de transparência e clareza entre o fato e a sua interpretação. Em outras palavras, o sujeito-advogado dissimula as condições de existência desse enunciado, têm-se a ilusão de um elo natural entre a palavra e o seu referente, ou, melhor colocando, entre o objeto simbólico e o processo de leitura que inscreve réus na matriz semântica de desrespeito a fé cristã, renegando, então, o *devoir* de sentidos inerente à linguagem.

Deve-se atentar também para o jogo semântico em torno do item “responsáveis” que, nessa FD, insere-se na relação de culpado/punição. Há um agente a quem é atribuído o dolo, “os responsáveis pela produ-

ção do filme”, e que merece ser condenado por “troçarem da fé alheia”, valor tão caro aos inocentes (cristãos). Outra marca da FD Jurídica na SD₁ se expressa quando há o resgate de sentidos em torno do estado democrático de direito e a garantia da liberdade religiosa, assegurada pela Constituição Federal, a partir da sentença “É seu direito professarem outra fé, ou não ter fé nenhuma.”.

Já a FD Cristã autoriza os dizeres em torno do significante Deus que, apesar das ocorrências próximas, mobilizam sentidos diferentes. Na primeira “(...) não têm nenhuma crença em Deus (...)”, o item lexical “Deus” é significado como uma categoria de divindade abrangente e vazia, sem nenhuma determinação ou nomeação. Deus é, portanto, nessa ocorrência, uma classe a ser

ocupada por qualquer divindade criadora. Já na segunda “(...) Deus vivo dos cristãos”, há uma delimitação semântica, Deus, agora,

é um ser determinado, específico e, sobretudo, adjetivado e animado “vivo” pertencente a um grupo próprio, os “cristãos”.

SD₂

Têm eles exatamente ideia do que significa, para um católico, a Sagrada Família, que eles desprezam, em que eles cospem, que eles agridem em sua pureza, em sua santidade, em sua majestosa divindade, encarnada na pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito Homem?

Na SD2, há o atravessamento da FD Católica, não só pela seleção, em direção hiponímica, do item “católico” em detrimento de “cristãos”, como na SD1, mas pela posição de identificação do sujeito (Indursky, 2007) no bojo da própria FD Cristã. Ao identificar-se com sentidos positivos para a Sagrada Família, o sujeito, por conseguinte, contra identifica-se com sentidos que na FD Cristã, por exemplo, não legitimam essa estrutura composta por Jesus, Maria e José, inserindo-se, portanto, na FD Católica para construir os dizeres. Cabe salientar, mais uma vez, que esse movimento de tomada de posição das formas-sujeitos no interior das FD’s que os atravessam é uma marca constitutiva da heterogeneidade das próprias FD’s que, por sua vez, embricam-se com a clivagem do sujeito, portanto, não é possível conceber, no interior dos estudos discursivos, um sujeito uno e uma FD instável e homogênea.

Seguindo na análise, essa sequência discursiva-se em torno de um esquema semântico de oposição, o item “Sagrada Família” produz sentidos, a partir do uso de palavras como “pureza”, “santidade” e “divindade” que, no bojo desta FD Católica, revestem-se de sentidos de benevolência e sacristia. Já o “eles”, os responsáveis pela produção do filme, são discursivizados por meio das palavras “desprezo”, “cospem” e “agridem” que mobilizam sentidos de escárnio e violência. Ou seja, nesse jogo antagônico, o “eles” se inscreve enquanto o hediondo, que tentou

perverter a inocência e sacralidade da Sagrada Família.

Observa-se, também, que Jesus Cristo é significado a partir da adjetivação “Nosso” e “Senhor”. Ou seja, apesar de cristalizada, a cadeia significativa “Nosso Senhor Jesus Cristo” não deixa de produzir sentidos. A estrutura “Nosso Senhor” que, ao ser personalizado pelas letras maiúsculas, insere-se como componente necessário da nomeação do próprio de Jesus Cristo, discursivizado, como coletividade, compartilhado por todos, inclusive que o sujeito-advogado antecipa, por meio das relações imaginárias do processo de interlocução (Pêcheux, 2014), que o seu interlocutor também se identifica com esses sentidos, uma vez que é “nosso”, resgatando, por meio do interdiscurso, que a religião católica é dominante e compartilhada pela maioria das pessoas que, por sua vez, são significadas pela submissão, já que ele é, também, “Senhor” de sujeito.

Destaca-se também a significação de “Jesus Cristo” em torno de duas dimensões “Deus” e “Homem”, que representa a cisão desse personagem entre o espírito e o corpo, respectivamente. Essa divisão é metonímica, uma vez que ele é uma parte que encarna o todo divino, em questão, a Sagrada Família, e o todo homem, em questão, a humanidade. Jesus Cristo é, portanto, não somente um “Deus” ou “Homem”, mas um duplo aspecto que relaciona essas duas instâncias, sendo perfeito em ambos, mesmo que o divino

venha *a priori* nessa cadeia, conferindo-lhe uma maior importância nessa dicotomia.

Portanto, o sujeito-advogado materializa sentidos partir da utilização massiva de adjetivadores para referir-se ao par Sagrada Família/Jesus Cristo, conferindo-lhes o lugar da representação, pois esse binômio é significado a partir da nomeação e adjetivação dos referentes, o que dissimula a ideologia na construção dos dizeres. Produz-se, então, o efeito de sentido a-ideológico para a constituição da Sagrada Família/Jesus Cristo, como se, por serem divinos, estão acima de quaisquer determinação sócio-histórica.

Entretanto, quando esse sujeito textualiza sobre os réus, observa-se o oposto, a construção do enunciado é encadeada a partir do uso dos verbos de ação presentificados, produzindo um efeito performativo e pragmático, ou seja, os responsáveis são aqueles que assumem uma postura responsiva frente ao divino. Ao analisar esse funcionamento discursivo, observa-se, portanto, que a sacralidade é discursivizada como o lugar da inação, que, por natureza, está sempre já-lá, que cabe o lugar a evocação e veneração, enquanto aqueles que a perturbam são os reativos os que a atacam em suas perversões.

SD₃

Têm eles noção de que os doze apóstolos, segundo eles um grupo de homossexuais em seguimento de seu mestre idiota e igualmente homossexual, foram, todos eles, martirizados, com exceção de João, que morreu de velhice, e Judas Iscariotes, que se suicidou? Podem sequer imaginar a intensidade da dor e do sofrimento por que passaram, por amor a Nosso Senhor Jesus Cristo, nosso Mestre e nosso Deus?

A estrutura inicial interrogativa “Têm eles” se repete na SD₂ e SD₃ com o sujeito-advogado alternando a partir da relação sinonímica entre o par “ideia/noção” que produz um efeito de sentido, no bojo da FD Jurídica, não somente de um mero questionamento, mas de cadeia de reflexão necessária a única interpretação possível iniciada pelo “É evidente que (...)” na SD₁ na costura intradiscursiva. Já o uso da subordinativa conformativa “segundo eles” demarca a contraindicação do sujeito com sentidos da FD Profana, que autoriza Jesus ser significado como homem gay, identificando-se, então, a FD da Santidade, que, por conseguinte, discursiviza Jesus como um ser casto, portanto, destituído de quaisquer exercícios de sexualidade.

Cabe ressaltar aqui, como ponto ilustrativo, que o objeto simbólico “Jesus” não pertence a FI Religiosa e as FD’s que lhe tomam de alicerce, mas que ele se constitui como

um elemento histórico que é discursivizado a partir de relações entre formações sociais diversas, inscrevendo-se em uma ou outra formação discursiva, articulando, assim, o jogo discursivo da linguagem, por exemplo, no caso analisado, a inscrição de Jesus uma FI da Sexualidade, mobilizou dizeres possíveis para sua homossexualidade. Pêcheux (2014, p. 165) afirma sobre isso que:

uma formação discursiva existe historicamente no interior de determinadas relações de classe; pode fornecer elementos que integram novas formações discursivas, constituindo-se no interior de novas relações ideológicas, que colocam em jogo novas formações ideológicas.

Prosseguindo com a análise, destaca-se o efeito de sentido metonímico produzido por “um grupo de homossexuais” uma vez que a homossexualidade é utilizada como uma parte para representar o todo. Evidencia-se a orientação sexual dos apóstolos para

referenciá-los e essa mesma referenciação é discursivizada no mesmo plano de adjetivação da imbecilidade de Jesus “mestre idiota e igualmente homossexual”. A homossexualidade inscreve-se, portanto, em uma FD homofóbica, já que o “homossexual” não se opõe a “idiota”, mas se relaciona em uma cadeia de adição.

Essa mesma FD constrói dizeres que discursivizam a homossexualidade como um ultraje que reduz o sacrifício dos apóstolos em nome Jesus “Podem sequer imaginar a intensidade da dor e do sofrimento por que passaram por amor a Nosso Senhor Jesus Cristo, nosso Mestre e nosso Deus?”. Na FI Religiosa, o sacrífico é uma prática positivada, quando realizada em função de alguma divindade, na FD Cristã, por exemplo, em que é realizado por amor e em nome de Deus. É uma grandeza proporcional, quanto maior o sacrífico, maior será o acesso e reconhecimento divinos.

Nesse funcionamento discursivo, a homossexualidade dos apóstolos, desacata e afronta o martírio tributado a Jesus realizado por seus seguidores. Portanto, a impossibilidade, no FD Cristã, que os apóstolos sejam homossexuais estabelece uma zona de atravessamentos, também, pela FD homofóbica que, na tecitura interdiscursiva, recupera e atualiza sentidos de que a homossexualidade é o lugar da depravação, impureza e pecado, não sendo passível de validação divina.

Há uma produção de sentido em torno da homossexualidade que a inscreve como par antagônico à divindade, materializada em Jesus Cristo. A FD Cristã que é atravessada em regime de aliança pela FD Homofóbica, não constitui sentidos positivos para o Jesus gay, uma vez que a homossexualidade é discursivizada como o lugar da profanação e da blasfêmia, enquanto a divindade o lugar

da perfeição e a sacristia. O sagrado, na FD Cristã, é vetado de qualquer traço mundano que o torna imperfeito. Mesmo que Jesus tenha pertencido ao mundo, desvelando-se a sua humanidade, o fez de maneira perfeita, fora dos pecados e para o sacrifício, e, nessa esteira, o homossexual é aquilo que insulta e vilipendia o seu sofrimento, não cabendo, portanto, nesse funcionamento discursivo, uma significação positiva.

Considerações finais

Pode-se imaginar que dentro da prática legal, regulada pela Formação Ideológica Jurídica, o sujeito é atravessado somente pela FD Jurídica para produção dos seus dizeres, entretanto, a partir de uma concepção de que as Formações Discursivas são blocos homogêneos e estáveis de sentido. Entretanto, no processo de análise, de mergulho nas estruturas intradiscursivas que fazem emergir a história e a ideologia na linguagem, percebe-se que a heterogeneidade não é só constitutiva das Formações Discursivas como também do próprio estatuto do Sujeito.

O sujeito, interpelado em uma forma-sujeito por meio da ideologia, não se constitui somente a partir do seu assujeitamento, mas, também, em sua clivagem. Se o processo de interpelação não é universal, mas ocorre por meio de Formações Ideológicas, o sujeito se constitui por outros Sujeitos. Na análise, pode perceber que não é somente a forma-sujeito advogada que interpela o enunciador, mas também, e com uma certa condôminância, a forma-sujeito Cristã e a forma-sujeito homofóbica. Não é possível, a partir dos estudos discursivos, pensar que há somente uma forma-sujeito mobilizando sentidos, mas há uma série de atravessamentos históricos que constituem os enunciadores na produção dos dizeres.

A forma-sujeito advogado, por exemplo, ao (re)produzir os dizeres, mobiliza toda uma rede interdiscursiva que relaciona, além da FD Jurídica, matrizes semânticas diferentes como a FD Cristã e a FD Homofóbica, que estabelecem entre si um regime de aliança. O funcionamento discursivo da materialidade analisada, portanto, articula essas estruturas para construir efeitos de sentido em torno da relação entre a sacralidade de Jesus e da profanação pela (homo) ssexualidade.

A discursivização da homossexualidade se estabelece como uma forma de poder uma vez que, fora da lógica de reprodução da força de trabalho, deve ser controlada para a manutenção do sistema social-econômico. A sua inscrição em práticas do pecado e perversão, no bojo do AIE Igreja, embrica com sentidos de punição e dolo, no AIE Direito. Há, portanto, um funcionamento ideológico que resgata uma aliança entre Igreja e o Estado na constituição das práticas sociais e o Jesus gay se constitui nessa dinâmica, estabelecendo uma ponte entre sentidos que, para além do impensável, tornou-se criminoso.

Referências

- A PRIMEIRA tentação de Cristo.** Produção de Rodrigo Van Der Put. Rio de Janeiro: Porta dos Fundos, 2019. Netflix.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- BERGER, Peter Ludwing; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno.** Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: História e crítica de um preconceito.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso.** 2ª ed. São Paulo: UNICAMP, 2004.
- BRASIL. **Ação civil pública n. 0332259-06.2019.8.19.0001.** Proposta pela Associação Centro Dom Bosco de Fé e Cultura contra o Porta dos Fundos Produtora e Distribuidora audiovisual s/a e a Netflix Entretenimento Brasil Ltda. Relator: Ministro Dias Toffoli. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://www3.tjrj.jus.br/consultaprocessual/#/consultapublica#porNumero>>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 5ª ed. Paraná: Positivo, 2010
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: A vontade do saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- GUIMARÃES, Bruno Menezes Andrade. **O riso bate à porta: o humor de “Porta dos Fundos” e a crítica à religiosidade cristã contemporânea.** 2015. 142f. Dissertação – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Minas Gerais, 2016.
- HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva.** Tradução Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. São Carlos SP: Pedro & João Editores, 2007.
- INDURSKY, Freda. Da interpelação à falha no ritual: A trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, R. L. **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva.** Tradução Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. São Carlos SP: Pedro & João Editores, 2007.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: Princípios e Procedimentos.** 10. ed. São Paulo: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso (AAD-69).** Por uma análise automática do discurso. GADET, F.; HAK, T. (Org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio.** 3ª ed. Campinas, São Paulo: editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: Estrutura ou Acontecimento**. 7ª ed. São Paulo: Editora Pontes, 2015.

PORTA DOS FUNDOS. Youtube, 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@portadosfundos>> Acesso em 01 de agosto de 2023.

VEJA. O IBGE e a religião — **Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%**, 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/3hdyihw>> Acesso em 16 de setembro de 2022.

Recebido em: 12/02/2024

Aprovado em: 14/05/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.